

A Luta Maoísta Revolucionária na Índia: a gênese da guerrilha naxalista (1967-1972)

MATEUS CAMPOS RANZAN*

1 – Introdução

Este artigo visa analisar o contexto histórico que culminou com a criação da guerrilha naxalista¹ na Índia no final da década de 1960 e início dos anos 1970. Essa guerrilha reúne um grupo de militantes que nega a via eleitoral como forma de alcançar o poder estatal. Ao invés, utiliza a luta armada como meio para tentar mudar profundamente a realidade política e social da Índia. Entre as influências teóricas que inspiraram os guerrilheiros destacam-se, sobretudo as teses de Charu Majumdar² e os pensamentos de Mao Tse-Tung³. Além dessa base teórica, os naxalistas também receberam influências de experiências históricas como a Revolução Chinesa e conflitos específicos da Índia, que serão apresentados neste artigo.

A criação dessa guerrilha está diretamente relacionada com a complexa história do comunismo no subcontinente indiano, que originou diversos partidos, grupos e facções. Os naxalistas eram militantes de extrema-esquerda dentro do Partido Comunista da Índia (Marxista) – PCI (M), que por sua vez era uma divisão do tradicional Partido Comunista da Índia – PCI. Dessa forma, não satisfeitos com os rumos que o PCI (M) estava tomando, esses militantes organizaram uma revolta camponesa no estado de Bengala Ocidental e fundaram sua própria organização política, o Partido Comunista da Índia (Marxista-Leninista) – PCI (M-L)⁴.

Nesse contexto, pretende-se traçar brevemente os fatos históricos que levaram a fragmentação dos comunistas na Índia, ressaltando a importância da fundação do PCI (M-L).

¹ O termo naxalista refere-se a todos os grupos de extrema-esquerda maoístas que atuam na Índia. Sua origem etimológica está relacionada com uma revolta camponesa na vila de Naxalbari e será mais bem explicado no decorrer desse artigo.

² Líder histórico dos naxalistas e principal ideólogo do movimento, sendo eleito o primeiro secretário-geral do Partido Comunista da Índia (Marxista-Leninista), organização que vai aglutinar os militantes maoístas no início da década de 1970. Majumdar escreveu as “Oito Teses” (1965-66), documentos que se tornaram as primeiras bases teóricas-ideológicas da guerrilha. Suas teses estão disponíveis em: <<http://ajadhind.wordpress.com/historic-documents-charu-mazumdar/>>, acessado em 23.ago.2012.

³ Uma série de documentos escritos por Mao, tais como “On Protracted War” (1937) e “On Guerrilla Warfare” (1938) estão disponíveis em:< <http://www.marxists.org/reference/archive/mao/index.htm>>, acessado em 23.ago.2012.

⁴ As siglas entre os diferentes partidos comunistas da Índia são muito similares, por isso é preciso ter cuidado ao analisar o assunto para não confundir os diferentes grupos, pois cada um deles têm ideias substancialmente diferentes sobre o papel de um partido político.

*Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-Graduando no programa de pós-graduação em História da UFRGS. Bolsista Capes.

Além disso, serão analisados os motivos que levaram o partido a adotar a luta armada revolucionária como única via possível para alcançar o poder político no país.

Nas concepções teóricas que buscam definir partidos políticos, podemos relacionar o PCI (M-L) com alguns elementos, viáveis para esse partido, mas não para categorizar outros tipos de partidos. Dessa forma, ao investigar o conceito, esse estudo se aproximou das ideias desenvolvidas por Serge BERSTEIN, que considera: “um partido é antes de tudo uma reunião de homens em torno de um objetivo comum” (1966: 72) e, para sustentar essa união, a ideologia é apontada como coluna vertebral do partido. Para o autor o objetivo dos partidos, normalmente, é a aspiração ao poder estatal e, desta maneira, fazer com que ele trabalhe para o objetivo partidário, agregando cada vez mais pessoas a esse movimento. O PCI (M-L) é uma organização que corrobora com essa ideia, pois seus militantes são orientados a agir de acordo com as determinações gerais do seu comitê central, além de ambicionar a conquista do Estado para a consolidação da sua “Nova Democracia”.

Ao tratar as questões referentes à fundação de um partido, Robert Michels propõe que isso envolve, na maioria dos casos, “o princípio da maioria, e é fundado sempre com o princípio das massas. O resultado disso é que o partido da aristocracia tem inegavelmente perdido os princípios da aristocracia puritana” (MICHELS, 2001: 8), ou seja, o partido é um instrumento de massas, onde a maioria deve determinar os rumos a serem seguidos por esse partido. Nesse sentido, o PCI (M-L) se reivindicava enquanto um partido de massas, que guiava o povo para a revolução. Todavia, era uma organização hierárquica, na qual as tomadas de decisões eram realizadas em reuniões do comitê central e deveriam ser seguidas por seus militantes. Não foram raras as ocasiões em que a quebra dessa hierarquia terminou por gerar cisões dentro do movimento (BANERJEE, 2009b: 280).

Em outra perspectiva, para Maurice Duverger um partido pode nascer de duas maneiras, uma parlamentar, cujos membros já possuíam práticas políticas no parlamento, e outra de origem externa, na qual “um partido é essencialmente estabelecido por uma instituição pré-existente, cuja própria atividade se situa fora das eleições e do parlamento: pode-se, portanto, falar adequadamente de criação exterior” (DUVERGER, 1970: 26). Nessa lógica, como os naxalistas renegam a prática parlamentar, é possível considera-los como um

partido de criação exterior, cujos membros, em especial suas lideranças, já participavam de sindicatos ou associações visando à melhoria das condições de vida dos grupos explorados dentro da Índia. Em termos organizacionais, o Partido pode ser considerado um partido de massas em sentido clássico, uma vez que visava à qualificação e formação moral dos seus militantes dentro da ideologia defendida pela organização. Contudo, Duverger não explora a noção de partido revolucionário, que não participa das eleições e busca a tomada do poder estatal por meio da luta armada contra o Estado estabelecido.

Nesse sentido, por ser um partido ilegal e revolucionário, é pertinente levar em consideração as proposições de Georg Lukács a respeito da teoria partidária. O autor chama atenção para que o partido não se iluda com o “romantismo” da ilegalidade e nem considere que toda legalidade seja “oportunista”, sendo necessária uma análise séria e realista da situação concreta da sociedade antes de decidir qual a melhor estratégia da luta revolucionária, evitando assim, a “doença infantil” do movimento comunista. Nesse sentido:

“O proletariado russo conduziu sua revolução vitoriosamente não porque circunstâncias felizes colocaram o poder em suas mãos (...), mas porque ganhou forças em longas lutas ilegais, compreendeu claramente a essência do Estado capitalista e ajustou suas ações a realidade efetiva e não a ilusões ideológicas” (LUKÁCS, 2003, p. 487).

Para realizar essa tarefa revolucionária, de acordo com Lukács, o movimento deve emancipar intelectualmente e emocionalmente seus membros antes de enfrentar uma força contrária a suas ideias. Este embate só deve ocorrer quando os homens conseguirem enxergar claramente as contradições dentro do sistema estabelecido e, desta forma, estabelecer metas e objetivos que permitam a concretização do seu trabalho ideológico através de ações no presente, sendo o Partido apontado como ente fundamental para essa tarefa. “A organização é a forma de mediação entre teoria e a prática. E, como em toda relação dialética, também aqui os membros da relação dialética só na e pela sua mediação se tornaram concretos e reais” (LUKÁCS, 1987: 41).

2 – A divisão dentro do Partido Comunista da Índia

Fundado em 1925, o PCI tinha uma base de militantes extremamente heterogênea, formado por pessoas de diferentes grupos sociais, sendo que sua composição variava muito

conforme cada estado (JAWAID, 1979: 1). É importante ressaltar que nesta época a Índia ainda pertencia à Inglaterra, portanto a luta anticolonial era a principal bandeira do partido, unificando-os em uma reivindicação sólida e forte, mantendo no mesmo lado diferentes grupos e tendências. Além da base social diversificada, tornando a luta interna bastante intensa, dois fatores foram fundamentais para acarretar a divisão do partido em 1964, pois foram responsáveis por mostrar as grandes diferenças ideológicas existentes entre os grupos de esquerda indianos.

Primeiramente, foi o apoio dado pelos comunistas a Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial, fator que alinhou os militantes indianos com a União Soviética, mas foi desastroso para a reputação comunista no subcontinente. Como resalta KAUTSKY “[...] o principal aliado do Partido passou a ser a Inglaterra, amplamente reconhecido como o principal inimigo da Índia” (1955: 146). Nem todos os membros da organização comunista concordavam com esse apoio e essa desavença sobre a Inglaterra, fez com que um grupo de militantes do PCI sugerisse a adoção da luta armada como melhor estratégia para assumir o poder político no país, no momento em que ocorriam as negociações sobre a independência do subcontinente.

Nesse contexto, o segundo fator importante foi uma revolta popular que ocorreu entre os anos de 1946 até aproximadamente 1951, no antigo protetorado britânico de Hyderabad, na região denominada de Telangana. Um grupo de comunistas ligados ao PCI, aproveitando-se do clima de incertezas geradas pela iminente independência da Índia, inflamou a população mais pobre para se revoltar contra as autoridades locais. Como resultado, estima-se que três mil aldeias deixaram de aceitar a autoridade do *nizam* da região⁵, na época considerado um dos homens mais ricos do mundo⁶. Porém, como desdobramento das negociações pela independência do país entre o Partido do Congresso e as autoridades britânicas, o exército invadiu a região e controlou os revoltosos, retomando as aldeias e anexando Hyderabad à União Indiana. Parte dessa vitória é creditada ao abandono do processo revolucionário pelos

⁵ P. Sundarayya (s/d) explora as diferentes visões envolvidas no conflito e como elas justificam a participação dos comunistas na revolta e o seu abandono da luta armada.

⁶ O Nizam de Hyderabad foi capa da revista TIME na década de 1930, sendo considerado um dos homens mais ricos de toda a história da Índia. Disponível em: <http://articles.timesofindia.indiatimes.com/2012-10-16/india/34497685_1_richest-person-richest-people-nizam>, acessado em 10.jan.2013.

comunistas alinhados com a URSS, que era contra uma revolução socialista armada na Índia⁷. Os soviéticos seguiam a linha do “socialismo em um só país”, além de estarem buscando um aliado estratégico no novo governo indiano, recém-independente. Contudo, essa revolta tornou-se um marco da luta camponesa da Índia, servindo de forte inspiração para os grupos naxalistas.

Dessa forma, as lideranças do Partido Comunista da Índia optaram por participar das segundas eleições gerais da Índia pós-independência em 1957, como uma forma de testar a popularidade dos comunistas no país. Para surpresa geral o Partido atingiu um grande sucesso eleitoral, tornando-se a segunda maior força política, atrás apenas do Partido do Congresso de Nehru (JAWAID, 1979: 12), inclusive conseguindo assumir o controle do Estado de Kerala⁸, ao sul do país. Contudo a euforia da vitória durou pouco, pois o Governo Central passou a intervir em Kerala, removendo os comunistas do poder e declarando “Período de Exceção”. Esse fato ampliou o descrédito no processo eleitoral entre os grupos mais radicais.

Esse contexto de desconfiança entre os militantes do PCI e suas lideranças, culminou com a divisão da organização em 1964. Essa divisão também foi consequência do contexto internacional, mais especificamente as disputas ideológicas existentes entre os Soviéticos e os Chineses, conhecida como “Grande Debate”⁹. Dessa forma, o PCI continuou seguindo a linha de Moscou, enquanto o PCI (M) estava alinhado com Pequim.

3 – O Partido Comunista da Índia (Marxista) em Bengala Ocidental

As desavenças entre os diferentes grupos comunistas eram mais intensas no estado de Bengala Ocidental, por sua proximidade com a China, Paquistão Oriental (atual Bangladesh) e o Nepal, países que formavam uma rede de militantes maoístas de atuação ilegal na região. Nesse estado, muitos membros do PCI foram presos por defenderem à China durante conflito

⁷ Segundo Flavoni (2003, p. 54): “También la URSS, que trataba de establecer una relación privilegiada con la India, presionaba a favor de la moderación.”

⁸ Essa vitória é um marco no movimento comunista mundial, pois foi a primeira vez que um partido comunista assumiu o poder de um estado por meio do processo eleitoral e não de uma revolução.

⁹ Mais informações sobre essa questão podem ser acessadas em: <<http://www.marxists.org/history/international/comintern/sino-soviet-split/>>, acessado em 23.mar.2013.

Indo-Chinês de 1962. Como resultado, em 31 de outubro de 1964 foi realizada uma conferência no estado de Bengala Ocidental, na qual foi lançado oficialmente o PCI (M)¹⁰.

Esse novo partido participou da Frente Unida, aglutinando várias organizações de esquerda da região, inclusive o PCI (BANERJEE, 2009a: 257), e ganharam as eleições estaduais em Bengala Ocidental em 1967, acabando com a hegemonia do Partido do Congresso e confirmando o estrondoso crescimento do PCI (M) e das forças de esquerda em toda a Índia (FLAVONI, 2003: 75). Entretanto, o novo partido teve seu poder enfraquecido com a repentina luta armada organizada pelos extremistas pertencentes ao PCI (M), sendo obrigado a tomar medidas para controlar a revolta sob o risco de intervenção do Governo Central, assim como havia ocorrido em Kerala. Esse fato vai gerar o terceiro partido comunista no país, além de ser a gênese da guerrilha naxalista, que permanece atuando contra o governo indiano até os dias atuais.

A via revolucionária defendida pelos militantes extremistas do PCI (M) se iniciou na vila de Naxalbari e foi anunciada como “o trovão da primavera sobre a Índia” (SINGH, 2011: 9). Além disso, demonstrava que uma parte importante dos militantes comunistas do país ainda estava insatisfeita com o caminho eleitoral defendido pelas lideranças dos dois grandes partidos comunistas existentes na Índia até o momento.

A vila de Naxalbari foi cuidadosamente escolhida como epicentro da revolução por se localizar perto do então Paquistão Oriental e Nepal, que poderiam servir como bases seguras para os revoltosos, além de não estar muito distante da China. Apesar dos conflitos na região terem durado apenas 72 dias, Naxalbari teve um impacto muito significativo entre os setores rurais¹¹ e serviu de influência para uma série de distúrbios agrários e urbanos, espalhados por diversos estados da Índia no fim dos anos 60 e início dos 70. Esses conflitos tiveram a sua frente às mesmas lideranças de Naxalbari.

4 – A Gênese Naxalista: “Terra para quem trabalha”

¹⁰ Informações sobre a história da fundação do PCI (M) estão disponíveis em seu site na internet <cpim.org>, acessado em 14.abril.2013.

¹¹ Mais informações sobre a influência naxalistas entre os setores rurais da sociedade indiana podem ser encontrados em: Satya Prakash Dash (2006, p. 14).

“Those were the days of madness and insanity when truth and rationality became the first casualty” – Mukherjee, p. 29

O período que compreende a gênese do movimento naxalista está dividido em duas partes distintas, pois, ainda que as lideranças fossem as mesmas, sua condição de luta era completamente diferente. Primeiramente a luta aconteceu nas áreas semirrurais do distrito de Darjeeling, longe dos grandes centros urbanos. Seus participantes eram basicamente camponeses humildes que seguiam as orientações de seus líderes para combater as injustiças, os latifundiários e a polícia de forma armada, tomando a justiça em suas próprias mãos e desconsiderando totalmente o poder estatal como legítimo (RAMMOHAN, 2011: 97).

Usualmente os camponeses estavam organizados no *Krishak Sabha*, uma espécie de sindicato dos trabalhadores do campo, conseguindo reunir diversas seções de camponeses e exercer forte pressão em nível estadual. Ao não atingir seus objetivos imediatos, basicamente reforma agrária e maiores direitos para as pessoas que trabalhassem na terra, uma pequena seção desse grupo, localizado em uma região onde as revoltas não eram muito comuns¹², partiram para a luta armada e o enfrentamento direto contra os “inimigos de classe”.

Nessa fase o principal objetivo do movimento era conquistar terra para o trabalhador, assim como abolir o sistema feudal predominante nas regiões rurais do país. Especificamente na localidade de Darjeeling os camponeses trabalhavam principalmente com a plantação de chá, como trabalhadores temporários ou arrendando terras de camponeses mais abastados.

A tática utilizada pelos revoltosos era baseada nos escritos de Charu Majumdar e pregavam o aniquilamento dos inimigos de classe, ou seja, todo latifundiário ou policial que não concordasse com as demandas do movimento deveriam morrer¹³. As armas empregadas em seus tumultos não eram sofisticadas, sendo o arco e flecha, foices e facas os principais instrumentos para realizar suas ações. Essas armas brancas são tradicionais do povo santal e

¹² “Their experience and field of activity being solely confined to Siliguri Sub-Division, little did they know that the magnitude of the alleged exploitation (and mischief) was perhaps much less in this area than that prevailing in most other rural sub-divisions of West Bengal” (MUKHERJEE, 2007: 79)

¹³ Conforme sugerido por Mazumdar em seus escritos e posteriormente adotado como linha oficial dos insurgentes. Disponíveis em: <<http://ajadhind.wordpress.com/historic-documents-charu-mazumdar/>>, acessado em 08.mar.2013.

mesmo antes da revolta era comum que os camponeses as utilizassem em seu dia a dia, para caçar ou para se defender de algum animal (JAWAID, 1979: 38).

No período posterior do movimento, quando as lutas rurais haviam praticamente cessado, os naxalistas, organizados no Partido Comunista da Índia (Marxista-Leninista), conseguiram reavivar sua revolta na cidade, por meio das classes médias baixas urbanas, que passaram a organizar esquadrões para “caçar” policiais e outros inimigos de classe. Esses grupos realizavam uma forma desorganizada e anárquica de luta contra o Estado, matando policiais e políticos a esmo. Essa estratégia foi duramente criticada internamente na Índia, por outros líderes do movimento e também externamente, por lideranças dos partidos marxista-leninistas da Nova Zelândia e Reino Unido, além da própria China¹⁴. Isso resultou em uma considerável perda de apoio político e financeiro para os naxalistas.

4.1 – Início da revolta camponesa (1967-68) de Naxalbari

As principais lideranças¹⁵ naxalistas estavam amplamente integradas aos camponeses da localidade de Darjeeling, em especial em Naxalbari, muito antes das revoltas começarem, pois participavam de organizações pelos direitos dos povos tribais e dos trabalhadores rurais. Como exemplo podemos citar Jangal Santha, filho de uma família de camponeses médios da área de Naxalbari, militou no partido comunista antes de entrar para o PCI (M); Kanu Sanyal nasceu no distrito de Jalpaiguri (vizinho de Darjeeling), trabalhava para o partido comunista junto com os advasis e camponeses pobres da região. Era considerando o braço direito de Majumdar e uniu-se a ele no PCI (M), por isso foi considerado um jovem idealista, seduzido pelos ideais inflamados do líder da revolta. Souren Bose nasceu no distrito de Nadia, a poucos quilômetros de Calcutá, capital do estado, contudo mudou-se ainda jovem para Siliguri, região próxima de Naxalbari. Militante do partido comunista participava a muitos anos da organização dos comunistas na área. Além deles, Charu Majumdar, também conhecido como Charubabu, era antigo militante e organizador dos trabalhadores em Siliguri, pertencente ao

¹⁴ Souren Bose, um dos líderes do movimento, em interrogatório policial, após ser preso, afirma que as linhas até então adotadas pelos naxalistas desagradava seus aliados externos. Esses partidos viam com preocupação os rumos da luta indiana. (MUKHERJEE, 2007: 163).

¹⁵ As informações para traçar o perfil das lideranças foram retiradas de Prakash SINGH (2011), Arun MUKHERJEE (2007) e Sohail JAWAID (1979). Sempre que os dados mostravam-se conflitantes, foram adotados os levantamentos de Arun, por mostrarem-se mais fidedignos.

distrito de Darjeeling, localidade onde nasceu. Era um dos principais dirigentes do PCI (M) na região.

Conforme SINGH (2011: 3) os incidentes que culminaram na formação da guerrilha naxalista se iniciaram no dia 3 de março de 1967, quando um grupo de aproximadamente 150 extremistas invadiu e roubou o estoque de arroz de um grande latifundiário da localidade de Baramaniramjote, que responde a delegacia policial de Naxalbari, área do distrito de Darjeeling. Nos dias seguintes, outros dois celeiros também foram saqueados por pessoas armadas com arcos, foices e bandeiras do PCI (M), principal partido na Frente Unida no governo estadual. Esses incidentes trouxeram grande tensão para a localidade e foi agravado quando um dono de terras local agrediu um meeiro, que estava arando suas terras mesmo após ter sido dispensado. Nesse momento o clima de instabilidade social aumentou consideravelmente. No dia seguinte mais de 200 pessoas foram à casa do dono das terras e o agrediram violentamente. Esse dono de terras era irmão de um popular político local e, consequentemente o incidente passou a ter maiores repercussões.

Como as lideranças que estavam causando os tumultos pertenciam ao PCI (M), outros líderes do partido, principalmente aqueles situados na capital do estado, Calcutá, foram chamados para conversar com os revoltosos e colocar ordem na região e em suas ações, porém todas as medidas mostraram-se insuficientes para acalmar os populares, que recebiam apoio de membros do Partido em outros estados (CHAKRABARTY, KUJUR, 2010: 41).

Em 15 de maio do mesmo ano, Hare Krishna Konar, ministro em exercício de Terras e Arrendamentos do Governo de Bengala Ocidental e membro do PCI (M), visitou a área do conflito para chegar a um acordo com os líderes da revolta e amenizar os ânimos. Entretanto, pouco antes de sua visita, mais especificamente em 6 e 7 de maio, os revoltosos haviam se organizado em reuniões e determinado que usariam armas de fogo para atingir seus objetivos de “justiça social” e reforma agrária.

Em uma tentativa para uma solução pacífica do conflito, evitando-se assim maiores enfrentamentos, foi realizada uma reunião entre Kanu Sanyal e Hare Krishna Konar. As forças do governo exigiam: 1) que os protestos realizados não incluíssem mais o uso de arcos e flechas ou qualquer outro tipo de arma letal; 2) os procurados pela polícia deveriam se

entregar sem resistência; 3) a justiça não poderia mais ser realizada pelas próprias mãos dos insurretos, deveriam ser feitas reclamações formais diretas para o governo, com a promessa de uma solução rápida e imparcial. (MUKHERJEE, 2007: 47). Apesar de Kanu Sanyal concordar com as questões levantadas por Konar, em reuniões realizadas nos dias subsequentes, com as bases do movimento, não foram aceitos nenhum dos pontos propostos pelo governo, mostrando que o impasse estava longe de uma solução fácil. Para complicar ainda mais, os revoltosos prometeram aniquilar qualquer policial que tentasse deter sua “guerra popular” ou entrasse em sua área de controle.

No início dos conflitos estima-se que os seguidores de Jângal Shantal e Kanu Sanyal, ambos populares líderes do movimento comunista local, somavam em torno de 500 pessoas e pelos menos outros 500 simpatizavam com a sua luta, fornecendo algum tipo de apoio material ou logístico para os revoltosos (JAWAID, 1979: 21).

O Governo acreditava que muitas pessoas estavam sendo compelidas a participar dos protestos e pediu para esses indivíduos se entregarem voluntariamente. Para tanto, foram criados “campos policiais” nas áreas de maior agitação, ou seja, nos distritos policiais de Naxalbari e Khoribari. Obviamente, esses campos também tinham o objetivo de reforçar a presença policial nos locais de maiores perigos. Essa estratégia gerou alguns frutos, pois a partir da terceira semana de julho, começaram a surgir grupos de desertores nas delegacias de polícia de Naxalbari, Khoribari e Phansidewa. Esses indivíduos foram prontamente recebidos, alimentados e liberados, quando constatado que nada deviam a justiça. (MUKHERJEE, 2007: 10).

Incidentes¹⁶ nos dias 24 e 25 de maio de 1967 levaram a polícia para o campo ofensivo, iniciando fortes ataques contra os revolucionários. Os incidentes geraram uma desesperada reação por parte dos revoltosos, que atacaram indiscriminadamente grandes proprietários rurais da região, matando-os brutalmente. Além disso, os naxalistas buscavam ganhar o apoio da opinião pública nacional, tentando fazer com que outros locais da Índia

¹⁶ Os incidentes foram a morte de um inspetor de polícia e, no dia seguinte o ataque de uma multidão as propriedades rurais pertencentes a delegacia policial Khoribari. Consternados com a morte do inspetor no dia anterior, a polícia acabou atirando contra as pessoas no dia 25 de maio de 1967, ferindo e matando cerca de 10 revoltosos, a maioria mulheres e crianças, elevando ainda mais a ira dos populares. (SINGH, 2011:11).

também se revoltassem contra o Governo e os latifundiários (CHAKRABARTY, KUJUR, 2010:58), contudo seu apelo não foi seguido nas outras regiões do país.

Para contrapor as reclamações feitas pelos revoltosos, MUKHERJEE (2007: 56-57) cita a análise feita pelo comissário do distrito de Darjeeling sobre a região e as pessoas que foram atacadas. Esse comissário conclui que a maioria das pessoas atacadas não eram grandes proprietários e não existe indícios de que suas terras teriam sido conquistadas de maneira irregular ou expulsar outras pessoas previamente estabelecidas.

Para acabar com a ameaça a estabilidade do estado, o governo da Frente Unida lança a “*Operação Hatighisa*” em 12 de julho de 1967. Esse foi um dos momentos de maior violência desde o início da revolta e durou até o meio de agosto de 1967, quando a maioria das lideranças naxalistas encontrava-se presas ou fora dos distritos em conflito. Entretanto, nem todas as demandas dos revoltosos foram ignoradas e, em uma resolução de 25 de junho de 1967, foi criado o primeiro departamento para assuntos agrários de Bengala Ocidental com o objetivo de rever o processo de ocupação das terras, atendendo a uma das principais demandas do movimento.

Essa fase de ataques em Naxalbari e arredores duraram pouco tempo, aproximadamente 72 dias, porque faltou maturidade e paciência para as lideranças organizarem o movimento de uma forma mais realística e séria. Seu ímpeto pela necessidade de reformar o país e tomar o poder estatal de forma consideravelmente rápida para as dimensões da Índia, terminou por contrariar os princípios de uma “guerra prolongada”, como sugerido por Mao.

Nesse período inicial, os indivíduos que compunham o movimento eram basicamente camponeses e pessoas ligadas os PCI (M), ou seja, em sua grande maioria pessoas humildes e ansiosas por melhorar sua situação de vida. Diferentemente da fase subsequente, quando criminosos condenados e indivíduos com histórico “antissociais” passam a integrar ativamente os esquadrões urbanos dos grupos naxalistas (JAWAID, 1979:46). Entretanto, é importante ressaltar que em um movimento com maior força urbana, é natural que indivíduos de passados condenados pela justiça (mais presente no meio urbano) se integrem ativamente nas atividades.

Por que as reformas no campo, tão desejadas pelos camponeses e pessoas ligadas ao trabalho rural, nunca ocorreram na Índia? Para CHAKRABARTY e KUJUR (2010: 4) houve, e ainda existem, lacunas jurídicas e administrativas que impedem a implementação de importantes leis que visam melhorar a situação dos camponeses. Além disso, a lentidão da máquina pública tem “dificuldades” em beneficiar os mais pobres e os povos tribais.

4.2 – Recuos na área rural e o avanço para as áreas urbanas (1969-1972)

As principais lideranças do movimento, em especial Charu Majumdar, estavam decepcionadas pelo rápido desfecho que a sua luta teve. Todavia, os conflitos estavam longe de terminar, pois um grupo dissidente do PCI (M) de Calcutá formou o *Naxalbari O'Krishak Sangram Sahayak Samiti* (NKSSS) – Comitê de Assistência a Luta Camponesa e Naxalbari – sob a liderança de Sushital Roychoudhury. Muitos intelectuais, artistas e estudantes da cidade juntaram-se ao movimento, mostrando solidariedade pelas vítimas da repressão estatal e pelas causas defendidas em Naxalbari. Esse grupo realizou grandes passeatas em diferentes partes da Índia e, no início de 1969, fundaram o All India Coordination Committee of Communist Revolutionaries (AICCCR). (JAWAID, 1979: 11).

Os dirigentes do AICCCR logo decidiram criar o terceiro partido comunista da Índia e, em 22 de abril de 1969, foi fundado o Partido Comunista da Índia (Marxista-Leninista) – PCI (ML)¹⁷. Ainda que existissem outras lideranças lutando pelo poder dentro do novo partido, Mazumdar, auxiliado pelo Prof. Suniti Ghosh, Saroj Dutta e Sushital Roychoudhury, conseguiu consolidar sua visão e seus ideais maoístas, sendo declarado líder do PCI (ML)¹⁸.

Concomitante ao retrocesso do movimento nas áreas rurais houve um forte aumento das ações naxalistas nas áreas urbanas, impulsionados por uma aura de romantismo criada entorno da luta no campo. Entretanto, diferentemente do que ocorreu na fase rural do movimento, em que as lideranças organizavam os ataques camponeses, os responsáveis por incentivar a luta na cidade eram os militantes de base, formados principalmente por

¹⁷ O PCI (ML) foi fundado na data comemorativa ao centésimo aniversário de Vladimir Ilitch, ou simplesmente Lenin (SINGH, 2011: 26).

¹⁸ Os dirigentes não satisfeitos com a liderança de Majumdar não pouparam críticas ao novo partido, acusando de adotar uma linha “Guevarista” de guerrilha urbana sem construção de movimentos de massas. Além disso, alguns líderes não foram consultados ou estavam despreparados para a formação do PCI (ML). Os principais dissidentes foram Parimal Das Gupta e Asit Sen (SINGH, 2011: 29).

estudantes universitários ou de escolas de ensino médio. Em sua maioria eram muito jovens, normalmente entre 15 e 25 anos, oriundos da classe média baixa e solteiros, com um conhecimento básico do marxismo e do maoísmo (MUKHERJEE, 2007: 155). Portanto, eram comuns os membros do comitê central do PCI (ML) se encontrarem afastados das áreas de maior conflito, pois esses viviam nas áreas rurais, locais em que os estudantes faziam um “estágio revolucionário” durante suas férias de verão, para conhecer a realidade do povo não urbano¹⁹.

Entretanto, o grupo de jovens urbanos que foram participar dos levantes nas áreas rurais não era um grupo homogêneo, pois exerciam diversas atividades na cidade, fator que dificultou sua adaptação ao novo ambiente difícil da vida rural, sendo essa uma das causas da falha do movimento em seus anos iniciais. (JAWAID, 1979: 45).

Sobre a participação dos jovens urbanos, na organização do movimento nos meios rurais, BANERJEE destaca que: “A vanguarda maoísta no começo do movimento consistia de membros educados da classe média urbana que se mudou para as vilas para iniciar um trabalho ideológico entre os camponeses na estratégia da revolução agrária e organiza-los através das táticas da guerra de guerrilhas” (2009a: 257).

É possível que o movimento tenha ganhado força e expressão nas cidades por causa os emissários de Charubabu, pois esses, muitas vezes levavam falsas notícias sobre a “grande experiência revolucionária que ocorreu em Naxalbari”, iludindo os intelectuais e a juventude da cidade, além de grupos desiludidos com os rumos tomados pelo PCI (M) ao participar do governo em Bengala Ocidental. Conforme CHAKRABARTY e KUJUR, Kanu Sanyal, uma das lideranças do movimento fez a seguinte observação:

“[...] depois que nós fomos para a ilegalidade durante 1967-68 e depois em 1969-72, muitos de nós perderam contato com a realidade da situação de campo; infelizmente nós aprendemos muito tarde que o que estava sendo dito pelas nossas lideranças e outros membros do partido eram distorcidos e exagerados, que agradava ao alto

¹⁹ Sumanta BANERJEE, um dos mais respeitados estudiosos do naxalismo foi um desses jovens. Nascido em uma família de comunistas de classe média de Calcutá, foi levado a participar do movimento pelos seus ideais políticos no início dos anos 1970, produzindo diversos livros sobre sua experiência e sobre o naxalismo. Atualmente considera-se “a *distant onlooker*” (2009a: 254; grifo do texto).

comando e nesse processo o potencial revolucionário sofreu um dano incalculável” (2010:43).

Indivíduos considerados criminosos pelas autoridades eram prestigiados entre a juventude, que os hospedavam em seus quartos nas universidades²⁰. Esses indivíduos organizavam “Esquadrões de Ação” entre os estudantes, para realizarem o aniquilamento dos inimigos de classe, além de outras “atitudes revolucionárias”, como hastear a bandeira do PCI (M-L) ou pichar palavras de ordem nos muros das cidades. Normalmente as mortes dos inimigos de classe eram publicadas no jornais organizados pelo partido, o *Deshabrati* (editado por Saroj Dutta) e o *Liberation* (editado por Sushital Roy Choudhuri, e depois por Suniti Ghosh), incentivando a ação dos esquadrões e uma insana concorrência entre grupos. Esses jornais eram muito lidos entre a juventude de Calcutá.

Entre maio e junho de 1970, somente Calcutá registrou 1257 ataques de vandalismo contra símbolos nacionais, escolas e livrarias, orquestrados por jovens seduzidos pelas ideais revolucionárias (MUKHERJEE, 2007: 13). Majumdar, em seus artigos publicados no *Deshabrati* e no *Liberation*, incitava os estudantes a agirem contra os inimigos de classe e seus símbolos de poder, propondo uma maneira nem um pouco organizada ou planejada de ação revolucionária. Dessa forma, eram praticamente atos anarquistas de ação direta, muito criticados pelo próprio Lenin²¹.

Ainda em maio de 1972, alguns líderes escreveram para Majumdar pedindo para que ele controlasse a espiral de violência e mortes na qual o movimento estava mergulhando, pois os naxalistas estavam matando uns aos outros (JAWAID, 1979: 59). Isso ocorria porque os diferentes “Esquadrões de Ação”, sem um comando central, se acusavam mutuamente de serem informantes da polícia²². Essa é uma característica do esquerdismo aventureiro

²⁰ MUKHERJEE cita o caso do professor Gopal Sen, morto pelos estudantes ao negar que a universidade de Jadavpur, da qual era vice-reitor, hospedasse indivíduos procurados pela polícia (2007, p. 28).

²¹ Em seu livro “Esquerdismo: doença infantil do comunismo” Lenin criticou os marxistas de extrema esquerda, que não reconhecem o momento histórico para realizar suas ações.

²² Segundo MUKHERJEE (2007, :14) Dilip Banerjee seria o homem que realizava os ataques contra os próprios companheiros em nome das suspeitas de Mazumdar. Suniti Ghosh teria denunciado essa prática em uma carta escrita para Majumdar e uma cópia enviada a Dilip, acusando ambos de fazerem uma campanha contra Kanu Sanyal e contra o próprio Ghosh, ou seja, existia um jogo de intrigas pelo domínio interno do poder no PCI (M-L), levando ao enfraquecimento do mesmo.

praticado pelos naxalistas, sendo essa uma prática comum até os dias de hoje entre os membros do movimento, ainda que ocorra de forma mais organizada.

Como os ladrões e bandidos comuns que se integravam cada vez mais nos “Esquadrões de Ação” não eram totalmente desconhecidos da polícia, suas prisões terminaram por levar a outros indivíduos, sendo um dos pontos fracos da guerrilha urbana, ajudando a desmantelar os esquadrões e o próprio PCI (M-L).

Como os casos de aniquilação estavam acontecendo com muita frequência, Arun Mukherjee, que na época trabalhava no grupo especial da polícia de Calcutá, decidiu tomar algumas medidas, tais como:

- 1) Entrar em contato com os pais dos jovens suspeitos de envolvimento, para comunicar-lhes que a polícia estava investigando atitudes suspeitas de seus filhos²³;
- 2) As torturas contra os acusados de envolvimento eram totalmente proibidas. Qualquer policial suspeito de quebrar essa regra seria expulso da polícia²⁴;
- 3) Para inteirar os policiais sobre a ideologia que motivava seus adversários, recebiam aulas sobre Leninismo e Maoísmo.
- 4) Foi elaborado um questionário com uma série de perguntas para serem feitas aos naxalistas presos. Dessa forma foi possível traçar quadro das condições socioeconômico dos envolvidos, além de sua compreensão de suas atitudes e da ideologia de Mao.

Na avaliação de Arun MUKHERJEE (2007: 11), sua operação obteve os resultados desejados porque não deixou um rastro de brutalidade e hostilidade, normalmente associados com as operações policiais. Para Kanu Sanyal a principal falha das lideranças naxalistas foi, ao se tornarem foragidos (entre 1969-71), terem perdido a organicidade do movimento, tendo assim ideias irreais do que estava realmente acontecendo em Bengala Ocidental e no resto da Índia.

²³ MUKHERJEE (2007:20) cita alguns casos de jovens realmente idealistas, que ao serem presos por seu envolvimento com os naxalistas terminam por se arrepender. Outros, não envolvidos em casos graves, foram soltos pela polícia com a promessa de não auxiliarem atitudes antipatrióticas.

²⁴ Essa medida está diretamente relacionada com o sucesso em deter os revoltosos nas agitação de Naxalbari. Entretanto, o próprio Arun Mukherjee (2007:22) admite que era difícil de deter o ímpeto de vingança pela morte de policiais mortos existentes nas delegacias de policias.

5 – Conclusão

Nesse artigo, buscou-se resgatar brevemente a história dos partidos comunistas na Índia como forma de contextualizar para o leitor os motivos que levaram ao surgimento de diferentes grupos comunistas no país e quais são as principais diferenças entre eles. Além disso, procurou-se demonstrar que o movimento naxalista é um reflexo de mudanças e continuidades, por isso é imprescindível compreender as transformações organizacionais que ocorreram desde o início das revoltas de extrema-esquerda contra o poder estatal, fundamentadas nas mais diversas ideologias.

Tanto a União Soviética quanto a China exerceram forte influência nos militantes da Índia, pois ambas as nações conseguiram realizar com sucesso uma revolução socialista, ainda que utilizando estratégias bem distintas. Os comunistas indianos terminaram por se dividir entre essas duas nações, causando grandes prejuízos para a luta socialista no país.

Ainda que o PCI (M-L) não acreditasse no processo eleitoral (atualmente participa das eleições), sua luta armada, baseada no princípio de “aniquilação dos inimigos de classe” não trouxe nenhuma mudança significativa para a vida daqueles que o Partido tentava ajudar. Ao contrário, serviu somente para isolar seus militantes da realidade social, transformando um movimento político em um problema de polícia.

Enfim, o início da revolta naxalistas foi causado por problemas sociais, injustiça econômica e falta de desenvolvimento nas regiões rurais, problemas que a Índia contemporânea também não consegue combater. Isso termina por gerar um clima de desesperança no campo, tornando o trabalhador rural humilde um possível militante da luta armada revolucionária como saída para melhorar sua condição social.

Bibliografia

- BERSTEIN, Serge. *Partidos Políticos*. In: Rémond, René(org). Por uma história política. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.
- BANERJEE, Sumanta. *Reflections of a one-time Maoist activist*. Dialect Anthropology. Volume 33, p.253-269. 2009a.
- _____, Sumanta. *In the Wake of Naxalbari*. Kolkata. Sahitya Samsad. 2009b.

- CHAKRABARTY, Bidyut; KUJUR, Rajat Kumar. *Maoism in India*. New York. Routledge, 2010.
- DUVERGER, Maurice. *Os Partidos Políticos*. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1970.
- DASH, Satya Prakash. (2006). *Naxal movement and state power: with special reference of Orissa*. Disponível em:<
http://books.google.com/books?id=3eDaiaDwcNgC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_atb#v=onepage&q&f=false>, acessado em 12.jun.2011
- FLAVONI, Francesco d`Orazi. *Historia de la India*. Mexico. Ed. Oceano. 2003.
- JAWAID, Sohail. *The Naxalite Movement in India*. New Delhi. Associated Publishing House, 1979.
- KAUTSKY, John H. *Indian Communist Party Strategy Since 1947*. Pacific Affairs, Vol. 28, N°2, 1955.
- LUKÁCS, Georg. *Teoria do Partido Revolucionário*. Cadernos de formação marxista. Butantã. Brasil Debates Editora. s/d.
- _____, Georg. *História e consciência de classe*. São Paulo. Martins Fontes, 2003.
- MUKHERJEE, Arun Prosad. *Maoist 'Spring Thunder': the naxalite movement (1967-1972)*. Kolkata. K.P. Bagchi&Company, 2007.
- MAO. *O Livro Vermelho*. São Paulo. Ed. Martin Claret, 2004.
- _____. *Internet Archive*. Disponível em:<
<http://www.marxists.org/reference/archive/mao/index.htm>>, acessado em 23.ago.2010.
- MAZUMDAR, Charu. *Historic documents*. Disponível em:<
<http://ajadhind.wordpress.com/historic-documents-charu-mazumdar/>>, acessado em 23.ago.2010.
- MICHELS, Robert. *Political Parties*. Kitchener. Batoche Books, 2001.
- RAMMOHAN, E. N. *Rise of Naxalism, its implications for National Security and the way Forward*. In: V.R. Raghavan(org.). *The Naxal Threat: causes, State Responses and Consequences*. New Delhi. Vij Books India Pvt Ltd, 2011.

SUNDARAYYA, P. (s/d). *Telangana People`s armed struggle, 1946-51*. Disponível em:<<http://www.scribd.com/doc/15379761/Telangana-Peoples-Armed-Struggle>>, acessado em 30.mai.2009.

SINGH, Prakash. *The Naxalite Movement in India*. New Delhi. Rupa Publications India, 2011.